

ANÁLISE DE CATEGORIAS DE PERTENÇA (ACP) EM ESTUDOS DE LINGUAGEM E GÊNERO: A (DES)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO HOMOGÊNEO MASCULINO*

Mariléia SELL¹

Ana Cristina OSTERMANN²

- **RESUMO:** Estudos sobre as relações entre linguagem, gênero e, agora, sexualidade, a partir de uma perspectiva etnometodológica, trouxeram mudanças profundas na maneira como são compreendidas essas relações. Gênero, não mais visto como natural e pré-discursivo, passa a ser entendido como uma construção social, negociada, atualizada, reificada e/ou refutada a cada interação. Essa transformação epistemológica das concepções de gênero e sexualidade em sua ligação com a linguagem requer instrumentos analíticos adequados. Para entender como as identidades de gênero são negociadas na esfera da fala-em-interação, apresentamos a relevância da Análise de Categorias de Pertença, quando aliada à Análise da Conversa (SACKS, 1992), por meio da análise de interações entre uma psicóloga e candidatos à vasectomia em um posto do SUS. Trata-se de consultas em que pacientes buscam o seu aval de sanidade mental para conseguirem o direito à vasectomia pelo Programa Nacional de Planejamento Familiar. Pela ação de “categorizar” observada nessas interações, é possível perceber a ordem social generificada, ou seja, as concepções normativas de gênero que operam em contextos macro-sociais e que são trazidas para a micro-esfera interacional. Categorizar é, assim, uma ação explícita ou implícita de exercitar a agentividade (BUTLER, 1990) no mundo, expondo a tensão entre as vivências de cada um e as expectativas convencionais de performances de gênero.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Categorias de Pertença (ACP). Análise da Conversa (AC). Fala-em-interação. Gênero. Sexualidade. Homogeneidade. Etnometodologia.

Introdução

Gênero, em uma perspectiva pós-estruturalista, é entendido como uma construção social direcionada aos corpos biológicos, a qual acontece por meio

* Este trabalho foi realizado com apoio do CNPq, FAPERGS e Ministério da Saúde por meio de Bolsa de Produtividade (Processo nº 311288/2006-5) concedida à segunda autora e pelo auxílio à pesquisa obtido através do Edital MS/CNPq/FAPERGS 06/2006 (Processo nº 0700767).

¹ UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Novo Hamburgo – RS – Brasil. 93310-070 – morgasell@yahoo.com

² UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – São Leopoldo – RS – Brasil. 93022-000 – aco@unisinos.br

da linguagem e precisa ser (re)validada e reificada a todo instante de forma situada (BUTLER, 1990; BUCHOLTZ; HALL, 2003, 2004, 2005). Por não existirem identidades homogêneas, estáveis e pré-discursivas, elas precisam ser propostas e (re)construídas **na e pela** interação com o outro, que as ratifica ou não. Entendendo a construção das identidades como um empreendimento situado e colaborativo, em vez de apriorístico e individual, pode-se dizer, então, que as interações são **constitutivas** desse empreendimento e não um produto dele.

Gênero, nessa visão, passa a ser considerado como uma **ação** ou performance, não um **estado** (BUTLER, 1990, 1993). Essa mudança epistemológica demanda também dispositivos de análise que deem conta dessa perspectiva. Nesse sentido, a Análise da Conversa de base etnometodológica (doravante também AC) proposta por Harvey Sacks, em 1963, constitui um aparato analítico que se consolida, cada vez mais, em pesquisas sobre a interação entre linguagem e gênero (OSTERMANN, 2003a, 2003b, 2006; KITZINGER, 2000, 2007; SPEER, 2005; SPEER; POTTER, 2000; WEATHERALL, 2002). A Análise das Categorias de Pertença³ (doravante ACP), também desenvolvida por Sacks no início dos anos 60, apenas recentemente começou a ser utilizada como um recurso produtivo para entender como o gênero é interacionalmente co-construído pelos falantes (SPEER, 2005).

Enquanto a AC serve de aporte para verificar como interagentes fazem gênero na sequencialidade interacional do turno-a-turno, a ACP foca seu interesse nas categorias usadas pelos membros – também de forma situada e localmente gerenciada – na interação. Dado o caráter da situacionalidade da negociação das identidades de gênero, é importante destacar que ambas as proposições analíticas são de natureza etnometodológica (COULON, 1995) e de abordagem êmica. Portanto são abordagens analíticas que focalizam a fala naturalística dos interagentes como acontece no mundo, a partir das orientações e categorizações desses interagentes, e não as do pesquisador. Stokoe (2003) lembra que os recursos de que as pessoas dispõem para fazer categorizações são culturalmente estabelecidos, reafirmando a ideia cunhada por Sacks (1992) de que, através da microanálise da fala-em-interação, é possível compreender melhor a ordem social, ou, para os propósitos deste artigo, a ordem generificada da vida social (KITZINGER, 2007; OSTERMANN, 2003a, 2003b; SELL, 2007; SPEER, 2005; STOKOE; WEATHERALL, 2002; BUCHOLTZ; HALL, 2003, 2005; BUTLER, 1990, 1993; CAMERON, 2005; ECKERT, 1984; ECKERT; McCONNELL-GINET, 1992).

Categorizar não significa, contudo, colar etiquetas nas pessoas ou em si mesmo. Constitui uma atividade em que os falantes negociam, em mútua orientação, comportamentos normativos e expectativas de gênero (MARTIN,

³ *Membership Categorization Analysis* (SACKS, 1992).

2003). Essa ação de categorizar é também volátil, pois as pessoas se orientam para os diferentes contextos e para os momentos interacionais atentas àquilo que julgam que é esperado delas ao produzirem suas falas e performances de gênero.

É importante ter em mente que tanto homens quanto mulheres se constroem e são socializados dentro de perspectivas de gênero, ou seja, eles vão aprendendo aquilo que é esperado deles dentro das “comunidades de prática” das quais fazem parte (WENGER, 1998; ECKERT; McCONNELL-GINET, 1992; OSTERMANN, 2003a, 2003b; 2006). O olhar não essencialista sobre o corpo generificado busca entender, então, os processos por meio dos quais homens e mulheres se constroem em diferentes contextos e como negociam sua agentividade (BUTLER, 1990) no mundo. A dinamicidade da negociação identitária se dá, assim, na esteira de dois fatores primordiais nos estudos sobre linguagem e gênero: o primeiro deles é que a linguagem não é um veículo do pensamento, ou um espelho que meramente reflete a realidade, mas é **ação constitutiva da realidade**; o segundo, que as identidades de gênero não existem fora do discurso (linguagem).

Apresentamos na próxima seção os fundamentos da Análise de Categorias de Pertença para, então, demonstrar sua aplicabilidade em dados naturalísticos e, no caso deste artigo, para estudos sobre as relações entre linguagem e gênero.

Análise de Categorias de Pertença: entendendo a maquinaria da ação de categorizar

A Análise de Categorias de Pertença é uma abordagem analítica pioneira desenvolvida por Harvey Sacks em 1963 e 1964, que passa referencialmente pela Análise da Conversa. Os dois métodos contribuíram para redimensionar o evento da fala-em-interação como instância privilegiada de negociação da vida social e não como uma ação desordenada e caótica. Para Sacks, os falantes se entendem porque a organização social é observável dentro das estruturas das conversas mais triviais. O pesquisador estava interessado principalmente na série de movimentos recorrentes – a “maquinaria” – que tornam a conversa viável, ou seja, na organização do “sistema de tomada de turnos.” (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Com a ACP, Sacks (1992) procura entender quando e como os membros fazem descrições, com o objetivo de expor os dispositivos ou os métodos através dos quais elas são produzidas⁴. Esses dispositivos, que operam por trás da ação de categorizar da mesma forma como operam na ação de falar, remetem à ideia de

⁴ A ACP, a exemplo da Análise da Conversa, também prioriza a visão êmica.

maquinaria e constituem uma espécie de matriz geradora que possibilita aos membros fazerem descrições.

Para explicar a noção de dispositivo de categorias de pertença, Sacks (1992) propõe o clássico exercício de descrição em que as identidades dos envolvidos são apagadas, como em “X chorou. Y pegou-o no colo”⁵. Sacks indaga o porquê de estarmos inclinados a “ouvir” que X é um bebê e não um professor, por exemplo, e, ao assumir que X é um bebê, por que pensamos que Y é um adulto e, provavelmente, a mãe do bebê?⁶

Além de construirmos a história acima do modo como Sacks sugere, também acreditamos em que ela seja uma descrição do que aconteceu, sem termos, de fato, visto as circunstâncias do evento. O objetivo de Sacks (1992) é então, explicitar o dispositivo que permite aos falantes e ouvintes a ação de categorizar. Sacks está interessado, como na Análise da Conversa, em verificar a operacionalização de um sistema que é, nesse caso, como nós compreendemos a história de X e Y da forma como a compreendemos. Ou seja, os mecanismos acionados para fazer essa leitura são o eixo de interesse de Sacks na perspectiva da ACP.

Sacks (1992) acredita em que ouvimos a história com base na inferência de que as categorias **bebê** e **mãe** pertencem a uma coleção que inclui também outras categorias como avô, avó, filha, filho, que chamamos de **família**. Enquanto a coleção família pode incluir várias categorias, outras são mais propensas a serem construídas de forma binária, como é o caso de gênero (homem e mulher)⁷ e raça (negro e branco)⁸.

Quando lemos o mesmo acontecimento em jornais diferentes, como exemplifica Silverman (1998), é possível ver como cada um deles utiliza diferentes categorias para descrevê-lo. Essas identificações têm implicações sobre o que colamos às pessoas e a seus comportamentos. Por exemplo, ao pinçar determinadas características para descrever uma mulher, eu revelo como eu a vejo e como construo as identidades de gênero. Eu posso enfocar seus atributos físicos, sua profissão, seu estado civil, entre outros aspectos.

⁵ “*The X cried. The Y picked it up*” (SACKS, 1992, tradução nossa).

⁶ É importante ressaltar que há, no exemplo usado por Sacks, uma tendência normativa de ver o adulto que pega o bebê como mãe e não como pai. Não podemos deixar de ressaltar aqui que essa relação entre categoria e atividade deixa implícitas assunções de que é a mulher (e não o homem) quem naturalmente cuida de criança.

⁷ Importante enfatizar que, ainda que exista essa tendência, não nos alinhamos com uma concepção binária e essencialista de gênero.

⁸ Sacks (1992) nos dá um exemplo de categorias inesperadas formando uma coleção. É o caso de criança e cachorro, que são categorias não permitidas em um determinado condomínio residencial. Nessa situação elas formam uma coleção, fato que nos alerta para a necessidade de olharmos os eventos de forma situada, pois as categorias e as coleções (conjunto de categorias com as quais estabelecemos afinidades de pertencimento) não são fixas e disponíveis em um catálogo de etiquetas que colamos às coisas para descrevê-las.

Estudos feministas (CAPPS, 1999; FALUDI, 1991; BUTLER, 1993; SPEER, 2005; BUCHOLTZ; HALL, 2005, ECKERT; McCONNELL-GINET, 1992) apontam que muitas vezes as mulheres são descritas pelo seu estado civil, número de filhos e aparência física. Já Capps (1999) analisa como as desordens psicológicas são **coladas** à categoria mulher por meio de ações colaborativas emergentes no curso da interação social. Essa descrição que remete à insanidade e à irracionalidade, conforme a autora, tem significado de controle social e é amplamente encontrada na literatura médica, desde sua instituição até os dias de hoje⁹. Ainda sobre qualificadores atribuídos à categoria social mulher, Faludi (1991) estuda a construção do sexismo na linguagem por meio da representação da mulher e sua genitália como sobremesas ou tipos de comida.

Embora certo repertório de identidades possa de fato se aplicar a uma mulher, a escolha de alguns aspectos (e não de outros) por algum falante revela aquilo que quer, circunstancialmente, tornar relevante. Por isso, ao descrever alguém e colocar essa descrição em negociação, o falante pode estar dando pistas de si mesmo, pois expõe seu modo de ver o mundo e as pessoas. Quem ouve suas descrições avalia questões do tipo que pessoa faria esse tipo de descrições?. Cameron (2005) lembra, porém, que as pessoas estão atentas para o fato de que, em determinados contextos, por exemplo, atitudes homofóbicas são condenadas, como em uma entrevista de emprego. Já em uma mesa de bar, a demonstração homofóbica pode servir como uma afirmação da conhecida masculinidade – valorizada no mercado heterossexual – e é, portanto, aceita.

Regras de categorização

Sacks (1992) identifica algumas regras no processo de categorização que são importantes para uma compreensão mais ampla da ACP. A primeira regra é a da **economia**, ou seja, a inteligibilidade da descrição é alcançada através do uso de uma única categoria. No caso das categorias mãe e bebê, não é necessário saber detalhes sobre como é essa mãe e esse bebê, pois é possível estabelecer uma referência adequada.

A segunda regra que Sacks identifica é a da **consistência**, que prevê que, uma vez que uma categoria (violinista) de determinada coleção (concerto) é usada para categorizar um membro da população, outras categorias da mesma coleção podem ser usadas em outros membros da população (trompetista,

⁹ Temos inúmeros exemplos sobre como é construída a irracionalidade feminina, comumente atribuída à questão hormonal. O caso talvez mais explícito é a TPM (tensão pré-menstrual), que é aceita e ratificada pela própria legislação brasileira, que confere atenuantes à mulher infratora durante os dias que antecedem o período menstrual (TPM). O interessante é constatar que nem todas as sociedades reconhecem a TPM e que mulheres que passam a viver em sociedades onde ela existe, possam apresentar os sintomas. Esse processo é amplamente estudado pela Antropologia e é chamado de *culture bound syndromes* (HUGHES, 1996; SCHEPER-HUGHES, 1992).

flautista etc) (PSATHAS, 1999). Sacks (1992) lembra que uma categoria (bebê, por exemplo) pode pertencer a mais de uma coleção (coleção estágio da vida ou coleção família, por exemplo). A categoria bebê pode ainda ser usada para expressar bem-querer (situações românticas) ou crítica a alguém que não teve um comportamento considerado adequado à sua faixa etária de adolescente ou de adulto.

Para resolver a ambiguidade que esses diferentes pertencimentos podem ocasionar, Sacks (1992) sugere um corolário de regras de consistência¹⁰. Ao ouvirmos duas categorias (bebê e mãe), nós as compreendemos em relação à sua coleção (nesse caso, família), que é também vista como um time, e nela as colocamos. Também as entendemos uma em relação à outra (mãe e bebê). Logo, a mãe não é a mãe de outro bebê, mas daquele que ela pegou no colo. Essa maneira de ouvir é o que Sacks chama de a máxima para a organização duplicativa do ouvinte¹¹. As categorias mãe e bebê, além de fazerem parte de um time (família), constituem também um par de posições, com direitos e obrigações mútuas (SACKS, 1992; GOFFMAN, 1999). Nesse sentido, para Sacks, o bebê tem o direito de ser alimentado, mas possui, conseqüentemente, a obrigação de não chorar o tempo todo. Esse tipo de relação também se estabelece entre outros pares, chamados por Sacks de pares relacionais padronizados¹²: esposo-esposa, namorado-namorada¹³, terapeuta-paciente, adulto-criança. Basicamente, como sistematiza Schegloff (2007), as coleções de categorias se estabelecem pelo tipo de relacionamento que as une ou pelo conhecimento profissional acionado.

Várias atividades são relacionadas a determinadas categorias de pertença. Sacks (1992) a elas se refere como atividades ligadas a categorias¹⁴. Desse modo, a atividade da pessoa (chorar) pode encaixar-se em categorias sociais específicas (bebê); da mesma forma, a categoria¹⁵ (bebê, por exemplo) pode inferir os tipos de atividades em que poderá se engajar (chorar, por exemplo). Em razão desse mecanismo é que, provavelmente, Sacks teria sugerido que X é um bebê e o Y é a mãe do bebê na história “X chorou e Y o pegou no colo”.

¹⁰ *Consistency rule corollary.*

¹¹ *The hearer's maxim for duplicative organization.*

¹² *Standardized relational pairs.*

¹³ Inserimos aqui pares relacionais homossexuais, embora não estejam originalmente contemplados na obra de Sacks, pois pretendemos justamente questionar as implicações heteronormativas que circulam como naturais.

¹⁴ *Category-bound activities (CBAs).*

¹⁵ Embora para Silverman (1998) identidade e categoria sejam sinônimas, tomamos aqui a noção de identidade como uma atividade e não uma categoria. Butler (1993) define identidade como uma prática e uma performance ativamente construída, ao invés de pré-existente. Atores sociais assumem uma variedade de identidades, por isso seria mais adequado usar a palavra no plural, conforme Butler (1993).

É importante lembrar que, segundo Sacks (1992), a ação de chorar não é exclusiva dos bebês, e que um adulto pode ser chamado de bebê eventualmente¹⁶. Em razão dessa não rigidez é que se torna crucial olhar para as situações de forma local e acionar o que Sacks chama de mecanismo de busca¹⁷ quando acontecem ambiguidades.

Dentro da Análise das Categorias de Pertença, Sacks nomeia de *Membership Category Devices* ou (MCDs)¹⁸ – que traduziremos aqui como Dispositivos de Categorização de Pertença (DCM)¹⁹ – os propósitos locais dos membros, utilizados e produzidos por falantes e ouvintes para formular e reformular os significados das atividades e das identidades (SACKS, 1992). Essa ação, eminentemente voltada para a situacionalidade da interação e organizada sequencialmente, é complementar, então, à análise da organização sequencial da conversa: a Análise da Conversa (SILVERMAN, 1998; WATSON, 1997).

A ACP não se propõe a recorrer a categorias prontas ou produzidas pelo pesquisador para explicar aquilo que está acontecendo e nem tampouco apela para categorias do senso comum. Essa abordagem analítica, tal qual a Análise da Conversa, olha para a ação dos atores sociais sempre em seu contexto sequencial e mutuamente negociada. Por esse caráter engajado e de produção local é que não se justifica a crítica de Schegloff (apud SILVERMAN, 1998) de que a ACP seja **promiscua**, facilmente reduzida a observações do senso comum e dependente da autoridade do pesquisador. A MCA tem sido revisitada por vários pesquisadores que a utilizam como ferramenta analítica importante nas suas pesquisas, incluindo as de gênero (EGLIN, 2002; STOKOE; WEATHERALL, 2002; STOKOE, 2003, 2003; STOCKILL; KITZINGER, 2007; PSATHAS, 1999):

Categorização de pertença é um processo continuamente produzido e orientado pelas partes e não necessariamente um ato explícito de nomear ou descrever a si mesmo ou a outro com o nome de uma categoria que pertence a alguma coleção (PSATHAS, 1999, p.156).²⁰

¹⁶ Ao chamar um adulto de bebê, ele é posicionado numa categoria muito abaixo da sua, o que normalmente significa um rebaixamento, uma crítica. O reverso também se aplica; um adolescente pode ser premiado por alguma atitude tida como adulta.

¹⁷ *Searching procedure*.

¹⁸ *Membership Category Devices* podem ser entendidos como as ações orientadas e específicas dos membros de categorizar pessoas, eventos e coisas.

¹⁹ Encontramos na literatura a tradução “dispositivos de categorização” (sem “pertença”) nos textos de Alencar (2006) e de Beato Filho (1991).

²⁰ “*Membership categorization is shown to be a process ongoing produced and oriented to by the parties and not necessarily an explicit naming or describing of oneself, or the other, with the name of a category from some collection*”.

Watson (1997) e Silverman (1998) sustentam que a ACP é coerente com o que Sacks propõe na Análise da Conversa, ou seja, seu interesse teórico recai nas atividades sociais como uma produção sequencial e colaborativa. Psathas (1999) define a ACP com as palavras-chave análise sequencial. De acordo com Watson (1997), Sacks entende a ação de categorizar como uma atividade cultural e dinâmica e não como uma grade cultural inerte onde as categorias são inseridas. Ainda para Sacks (1992), as categorias adquirem significado em contextos específicos, o que podemos comprovar por meio do exemplo trazido anteriormente sobre o uso da categoria bebê.

Outras características do trabalho de Sacks o afastam do perigo da promiscuidade sugerida por Schegloff. Uma delas é, segundo Watson (1997), a centralidade do papel da maquinaria operando por trás da ação de categorizar, ou seja, os processos pelos quais as pessoas fazem uso de categorias. Assim, na Análise da Conversa o interesse central recai na operacionalização da ação (a de categorizar) e não no conteúdo em si. Também não há a intenção de atribuir o uso das categorias a processos psicológicos, mas a recursos culturais, que são “públicos, compartilhados e transparentes.” (WATSON, 1997, p.4).

Sacks (1992) traz outro exemplo clássico para ilustrar a noção de DCP e pares relacionais em uma interação entre um combatente do Vietnã e um repórter. Na entrevista, o repórter pergunta ao soldado como ele se sente ao saber que provavelmente suas bombas mataram alguém. O soldado está atento ao fato de que matar alguém não faz parte do esquema moral e, na sua resposta, faz uma série de escolhas que ajudam a projetar uma imagem positiva de si mesmo. Ele começa dizendo que não gosta da ideia de matar ninguém e que, como militar, precisou jogar bombas, assim como outros militares. Ele diz também que nesse negócio é preciso ser impessoal.

Sacks aponta que a escolha da categoria militar abona a atividade de **jogar bombas**, porque é isso que os militares atuando em guerra fazem. O entrevistado faz alusão ainda a outros militares que, assim como ele, jogam bombas. Dessa forma, ele estabelece um par relacional que tem obrigações mútuas de jogar bombas um no outro. Uma vez estabelecidas essas obrigações, como lembra Sacks, não haveria o que recriminar. A categoria **negócio** usada pelo soldado, ligada à atitude de **ser impessoal**, justifica não somente uma atitude a ser adotada em campo de batalha, mas também em outros **negócios** também. Se a conduta da impessoalidade fosse exclusiva do exército (e não é), então o problema poderia ser com o exército. Essas escolhas mostram como a moralidade é interacional e situacionalmente negociada entre os falantes, que constroem suas falas de forma sincronizada e orientados para a questão “por que isso agora” (SCHEGLOFF, 2007).

Análise de Categorias de Pertença em ação: “A pessoa fica um pouco preocupada, né?”

Apresentamos a seguir uma análise da construção de identidades de gênero a partir da perspectiva da Análise de Categorias de Pertença e da Análise da Conversa. Os excertos examinados advêm de interações entre pacientes aspirantes ao procedimento de vasectomia e uma psicóloga em um posto de saúde do Sistema Único de Saúde, localizado em uma das regiões metropolitanas do sul do Brasil. Trata-se de consultas psicológicas em que os pacientes buscam o aval de sanidade mental para conseguirem o direito à vasectomia ou à laqueadura pelo Programa Nacional de Planejamento Familiar (BRASIL, 1996). Foram gravadas e transcritas 25 consultas que aconteceram entre agosto de 2006 e fevereiro de 2007. Embora tanto homens quanto mulheres se candidatem à esterilização, selecionamos, para os propósitos deste artigo, somente interações entre homens e a psicóloga responsável pela provisão desse aval.

A análise qualitativa dos dados se deu pelo critério da recorrência. Tínhamos por objetivo focalizar como a categoria homem constrói aspectos identitários relacionados a gênero no momento da negociação da esterilização. Lembramos, contudo, que, em análises dessa natureza, é preciso estar atento se gênero é de fato relevante sempre que os interagentes utilizam a categoria homem. Como lembra Kitzinger (2007), é preciso olhar como os membros se orientam para essas categorias (nesse caso, homem) e, sobretudo, se a invocação dessas categorias e de seus atributos associados é realmente central para o foco da análise, ou se não estaria obscurecendo ações nas quais os participantes estão engajados.

O excerto analisado a seguir mostra como Jacob se constrói como homem em um momento em que ele manifesta preocupações relacionadas à esterilização²¹.

²¹ As convenções de transcrição usadas são normalmente aquelas propostas por Jefferson e que, para o presente trabalho, foram utilizadas a partir da tradução e adaptação proposta por Schnack, Pisoni e Ostermann (2005), e se encontram em anexo.

Excerto 1 [29/11/2006; 0-384]

- 148 BINA: preocupação com o quê seu jacob?
- 149 JACOB: preocupação quanto a:::: quanto a o: o: o: a
- 150 cirurgi::a,=
- 151 BINA: =°uhum°
- 152 JACOB: né↑ se ela se (2.0) se ela não (.) não pode causá
- 153 algum proble::ma=
- 154 BINA: =uh[u:m]
- 155 JACOB [né]↑ (1.0) (devido) o órgão sê:: o órgão
- 156 principal né >no caso< (2.0) do homem né↑ (.)°da
- 157 reprodução° (.) que a pessoa fica um pouco
- 158 preocupada né↑ mas
- 159 (2.0)
- 160 BINA: o senhor disse que é o órgão da reprodução >tá
- 161 mas< a vasectomi↑a é pra não se reproduzir mais=
- 162 JACOB: =sim xx
- 163 BINA: preocupação então não seria com a reprodução↑
- 164 (1.0)
- 165 JACOB: tá é que xx xxx
- 166 BINA: tem me[do de-]
- 167 JACOB: [talvez] eu tenha falado mal não me
- 168 expressei bem né↑ (.) preocupação é:: todo homem-
- 169 é o órgão que:: é:: no caso da da relação↓
- 170 BINA: uh[um]
- 171 JACOB: [x a] relação é uma coisa importante pro ser
- 172 humano né↑
- 173 BINA: uh[um]
- 174 JACOB: [a] relação sexual↓
- 175 BINA: uhum
- 176 JACOB: então o medo é de talvez ocasioná algum
- 177 proble::ma né↑
- 178 (3.0)
- 179 BINA: de brochá? medo de brochá?
- 180 JACOB: é:

Bina e Jacob estão engajados na ação de esclarecer a preocupação de Jacob. O par relacional terapeuta-paciente está assentado e mutuamente ratificado, pois ambos interagentes se orientam para o enquadre (TANNEN; WALLAT, 1998) da consulta terapêutica, correspondendo às expectativas dos papéis envolvidos nesse evento discursivo. É interessante notar que isso não é declarado por ambos em nenhum momento específico, mas é justamente a orientação mútua dos participantes para aquilo que se sabe sobre consulta terapêutica que nos permite dizer que as categorias de terapeuta e paciente são invocadas e reconhecidas. Tanto Bina quanto Jacob sabem o que este “precisa” para alcançar o seu propósito – o laudo de sanidade mental –, o que instaura os direitos e obrigações dos envolvidos na interação.

Jacob, o paciente, mostra-se hesitante ao abordar a sua preocupação, o que se revela por meio de falas alongadas (linhas 149-150), interrupções (linha 159) e repetições. Essas características mostram sua orientação para um assunto problemático ou delicado, talvez denunciando uma crise das concepções sociais normativas sobre masculinidade. O paciente traz justificativas com elevada carga morfológica (como nas linhas 155-158 e 167-169), pois está na posição de ter de esclarecer sua preocupação²².

Ao mesmo tempo em que Jacob precisa demonstrar segurança sobre o desejo de fazer a vasectomia, ele também quer elucidar seu temor, o que pode gerar certa tensão. Ao empregar categorias inclusivas – “do homem” (linha 156), “todo homem” (linha 168) – e categorias não genericadas, mas generalizadoras (KITZINGER, 2007) – “a pessoa” (linha 157), “ser humano” (linhas 171 e 172) – Jacob constrói a preocupação como sendo um sentimento não apenas particular, mas de todos os homens, de todos os seres humanos. Assim, ao mesmo tempo em que o incluem, essas categorias não o tornam o único preocupado com o fato de ter prejuízos na vida sexual. O uso dessas categorias generalizadoras serve, assim, como uma proteção de face (GOFFMAN, 1999) para Jacob.

O paciente começa justificando sua preocupação com a cirurgia por envolver “o órgão da reprodução” (linhas 155-157). Ele termina sua explicação dizendo que “a pessoa” fica um “pouco preocupada”. O uso de “pouco” parece operar como um mitigador de um sentimento que Jacob precisa administrar na interação. Ou seja, ao mesmo tempo em que precisa esclarecer sua dúvida sobre possíveis problemas decorrentes da vasectomia, não pode comprometer a autorização do seu atestado de sanidade mental para a obtenção do direito ao procedimento. Ainda, ao final da elaboração de Jacob, ele faz uso do “né” em tom ascendente, buscando alguma

²² A necessidade de prover maiores justificativas recai normalmente sobre aquele que tem menor poder na interação. As interações institucionalizadas são geralmente tidas como assimétricas (SACKS, 1992; HUTCHBY; WOOFFITT, 1998), o que, contudo, pode ser contestado se uma das partes subverte ou não se alinha a essa assimetria (MONDADA, 1998).

ratificação de Bina. Depois de dois segundos de silêncio, esta toma o turno. Ela o faz retomando a fala de Jacob para problematizá-la: “mas vasectomia é pra *não* reproduzir mais” (linhas 160-161). Jacob se orienta para essa não validação do motivo, produz uma fala colada assertiva – “sim” (linha 162) – e legítima, assim, a expertise de Bina em detectar o seu real medo. Após essa concordância de Jacob, Bina resume a investida interacional de Jacob com a formulação (HERITAGE; WATSON, 1979, 1980) “a preocupação então não seria com a reprodução” (linha 163), com o que Jacob novamente concorda (linha 165).

Note-se que a “preocupação” de Jacob é renomeada por Bina como “medo” (linha 166). Jacob está atento a essa negociação moral ao produzir uma fala sobreposta à de Bina e redefine seu sentimento como sendo “preocupação” e não “medo” (linha 168). A sua justificativa mostra que ele está atento ao fato de que sua identidade de homem está em negociação. Ele diz que talvez tenha se expressado mal e desloca seu foco de preocupação do “órgão da reprodução” (linhas 155-157) para o “órgão da relação” (linha 169), levando a cabo a correção iniciada por Bina nas linhas 160 e 161. A terapeuta, ao emitir um continuador “uhum”, devolve o turno de fala ao paciente, que empacota sua ação com a afirmação de que “a relação é uma coisa importante para o ser humano” (linhas 171-172). Observa-se aqui mais uma vez o uso da categoria mais abrangente “ser humano”, que desloca questões de sexualidade e gênero (expressão generalizante e não generificada). Novamente Bina aloca Jacob como o próximo falante, quando ele resume a sua afirmação anterior e especifica, pela primeira vez, o tipo de relação de que está falando “a relação sexual” (linha 174). Interessante observar que, embora o assunto em pauta esteja intimamente relacionado a sexo, ao longo da interação, Jacob utiliza termos correlatos não tão explícitos: “reprodução”, “órgão”, “relação” e somente uma vez menciona a palavra “sexual”. Após mais um “uhum” de Bina, Jacob troca a palavra “preocupação” (da qual até então se utilizara) por “medo” (linha 176) – anteriormente proposta por Bina, mas não usada por ele –, porém não formula textualmente o motivo do medo.

Após um silêncio de três segundos e várias tentativas prévias de Bina – por meio de uma escuta ativa (HUTCHBY, 2005), da provisão de continuadores para que Jacob desse seguimento à elaboração do seu medo, do uso de correções e da não interrupção das falas de Jacob –, para que Jacob formulasse seu medo, ela faz a formulação final do tópico em questão em projeção ascendente de fala: “medo de brochar?” (linha 179). Jacob afirma que sim ao providenciar o turno “é” (linha 180).

O tabu da impotência sexual parece estar bem presente nas ações de Jacob. Ele não o nomeia²³ e orienta-se para o assunto como sendo delicado, por meio

²³ É sabido que muitas pessoas não nomeiam aquilo que temem, pois atribuem ao ato de nomear uma força de invocação. Assim, por exemplo, as doenças (e.g. câncer), o diabo, a morte, são, muitas vezes, apagadas das falas

de falas indiretas, de alongamentos, de repetições e até mesmo pela própria dificuldade em nomeá-lo. Na verdade, como vimos, ele não o faz, pois é Bina quem dá nome àquilo que o amedronta: a possibilidade de “brochar”. Quando Bina finalmente dá voz ao medo real de Jacob, ele apenas se alinha, confirmando-o, mas não o repete.

Uma das características socialmente atribuídas à categoria homem é a atividade de ser sexualmente ativo. Inúmeros discursos autorizados, especialmente a medicina, constroem o homem dessa forma: como portador do hormônio da testosterona²⁴, incumbido de distribuir o sêmen para garantir a continuidade da espécie. Essa construção social do homem acaba por autorizá-lo a uma maior liberdade sexual e, conseqüentemente, coloca-o na quase obrigatoriedade de ser sexualmente potente.

Construções dessa ordem funcionam como normas de gênero, a exemplo das construções acerca das mulheres (MARTIN, 2003). Jacob está orientado para essa norma e demonstra, na interação, dificuldade em admitir o medo da impotência. O próprio medo é, na socialização dos meninos, um sentimento não validado como típico de homem²⁵. Demonstrar medo está, muitas vezes, associado à fragilidade e à fraqueza. O medo é ainda a deflagração da identidade não homogênea, ou seja, sentir medo é conflitante com o que normalmente é esperado do homem: o destemor. A potência sexual é, por sua vez, também discursivamente construída e não dada a priori, haja vista o medo de brochar, que aparece de forma recorrente nas falas dos homens participantes desta pesquisa. Os construtos identitários homogêneos precisam da constante reificação interacional, o que é prova cabal de que não são homogêneos, mas construídos como tais.

O excerto que analisamos a seguir também traz a questão do medo de perder a ereção vinculado à vasectomia. Os interagentes envolvidos são a psicóloga Bina e o aspirante à vasectomia Jaison. Essa situação interacional consta do momento em que a psicóloga rotineiramente realiza uma checagem sobre o grau de informação dos pacientes acerca dos procedimentos cirúrgicos da laqueadura e da vasectomia e a certeza deles em querer realizá-las.

ou então rebatizadas. Quando, no entanto, o indizível tem de ser dito, há uma série de rituais para se proteger, como bater na madeira, benzer-se, entre outros.

²⁴ Pesquisas sobre hormônios (MARTIN, 1996; MACHADO, 2005; FAUSTO-STERLING, 2000) procuram, por exemplo, explicar comportamentos histéricos das mulheres (vide a panacéia em torno da TPM) e comportamentos viris nos homens, que, por conta da testosterona, são mais propensos a ter mais parceiras sexuais. Esses exemplos ilustrativos mostram como o discurso hormonal está a serviço da naturalização de concepções de gênero. O discurso é tão mais poderoso na medida em que é vivido por homens e mulheres, que passam a experimentar seus hormônios de forma culturalmente estabelecida.

²⁵ Enunciados do tipo: “Você já é um homenzinho, não pode ter medo” são bastante comuns na socialização dos meninos em categorias de gênero. Desde cedo eles vão aprendendo quais as atividades relacionadas às categorias sociais homem e mulher.

Excerto 2 [12/02/07; 0-539]

- 162 BINA: te explicaram como é que é [que] funciona?
- 163 JAISON: [sim]
- 164 BINA: e:: tu tem alguma dúvida?
- 165 JAISON: é:: uma duvidazinha será que mais tarde assim
- 166 futuramente (.) não vai dá um tchick ((faz um
- 167 barulho imitando o de um corte de tesoura))
- 168 BINA: um o quê?
- 169 JAISON: tipo cortá o: o restante que sobrá? @ @
- 170 BINA: como assim o restante?
- 171 JAISON: não corta assim a:: (.) a vontade [assim]
- 172 BINA: [o tesão]?
- 173 JAISON: é↓ isso↓
- 174 BINA: esse- essa [a tua] pergunta?
- 175 JAISON: [é é:]
- 176 BINA: ou é- o::u é por ca- ãh:: a vontade de tê mais
- 177 filhos depois?
- 178 JAISON: não↓ não é a vontade
- 179 BINA: tá↓ então [é ãh:: (.) o que] que tu pensa
- 180 JAISON: [que já tenho ma-]
- 181 BINA: sobre isso ja:- seu jaison?(.) de essa- esse medo
- 182 de perdê o tesão?
- 183 JAISON: nã↑o assim porque::: no caso o esperma sai xx↑
- 184 não vai [tê mais]
- 185 BINA: [@ @] @ (1.0) [tá mas e daí] vai sê
- 186 JAISON: [e daí vai]
- 187 BINA: interrompido o caminho dele [ali]
- 188 JAISON: [sim] mas e:: foi

189 interrompido o caminho=
190 BINA: =tá=
191 JAISON: =mais tarde não vai- será que vai tê:: (2.0)
192 [como:: uma:: >como é que] eu vou te dizê<
193 BINA: [@ @ @ @ @ .hh]
194 vai tê o quê seu jaison?
195 (8.0)
196 tá↓ essa tua dúvida alguém te comentou alguma
197 co::isa,
198 JAISON: nã↑o assim
199 BINA: ou:: é::
200 JAISON: daí eu vi (comentando [às vez])
201 BINA: [mas e::] você chegou a
202 conversá isso com o mé:dico?
203 JAISON: é:↑ ele me explicou né e co:isa↑
204 BINA: e mesmo assim você ficou em dúvida
205 JAISON: nã:o não é uma (.) DÚVIDA [assim xxx xx]
206 BINA: [sim↑ mas tem] um
207 receio[zinho]
208 JAISON: [é::] um receiozinho porque agora a
209 gente:: nós somos jovens né↑
210 BINA: uhum e tá pensando assim que depois que tive com
211 mais idade:↑
212 JAISON: isso↓ [xx]
213 BINA: [bro]chá↓ (.) é isso?
214 JAISON: °sim°

Em suas interações com pacientes aspirantes à esterilização, Bina sempre pergunta se eles receberam orientação nas palestras sobre planejamento familiar ou de algum médico. Quando ela pergunta a Jaison se “explicaram como é que é” (linha 162), ele responde que sim, antes mesmo de Bina concluir seu turno de fala (linha 163). A terapeuta dá prosseguimento à interação perguntando se o paciente tem alguma dúvida (linha 164), ao que ele diz ter uma “duvidazinha” (linha 165) sobre se mais tarde não terá um “corte” (linhas 165-167). Ele usa uma expressão onomatopéica (“tchick”) em vez de proferir a palavra “corte”, e Bina não valida essa expressão como resposta²⁶, pedindo detalhamento (linha 168). Perante essa solicitação, Jaison se orienta para a sua categoria de paciente e sua atividade de prover respostas, ratificando também a categoria profissional de Bina e sua atividade correlata, a de fazer perguntas. Jaison, em seu turno, leva a cabo o reparo iniciado por Bina e esclarece “tipo cortar o restante que sobrar?” (linha 169).

Novamente a psicóloga não valida a resposta de Jaison e solicita outro reparo (linha 170). O paciente, atento a esse pedido, nomeia o que seria esse restante: “a vontade”. Apesar do esforço, a resposta ainda se apresenta incompleta, pois não diz vontade de quê. Bina faz um questionamento que assume a função de uma formulação – “o tesão?” (linha 172) –, ao que Jaison responde, em tom descendente, “é isso” (linha 173).

Depois desse trabalho interacional colaborativo para elucidar a “duvidazinha” de Jaison, Bina pergunta se era essa a pergunta dele (linha 174), dando mais espaço para ele trazer novas dúvidas. Ele, no entanto, responde que “sim” (linha 175). Bina, mesmo assim, continua perguntando se é só aquilo, ou se está ali implicada a “vontade de ter mais filhos depois” (linhas 176 e 177). Jaison parece estar atento ao fato de que, para conseguir a autorização para a vasectomia, um dos pré-requisitos é não manifestar o desejo de ter mais filhos e responde imediatamente que “não” (linha 178).

Após essa negativa de Jaison sobre “vontade de ter filhos”, Bina retoma o tópico “medo de perder o tesão” (linhas 181-182) como sendo relevante para o paciente. Jaison começa a falar sobre o esperma que não vai ter mais (linha 184). A terapeuta ri (linha 185) e pergunta: “tá, mas e daí?”. Jaison toma o riso de Bina como a necessidade de prover mais justificativas para o seu “receiozinho” e não como um convite ao riso e nem tampouco por se tratar de um tópico engraçado (HAKANA, 2002). É sempre importante lembrar que pacientes normalmente querem se construir como pessoas que podem ser levadas a sério

²⁶ Em sua prática terapêutica, Bina faz um trabalho interacional que leva os pacientes a nomearem aquilo sobre o que têm dificuldade de falar. Segundo ela, esse é um momento em que os pacientes precisam olhar para si, seus medos, angústias, preconceitos, tabus, pois “é pela palavra que vamos nos (re)criando”. (Nota de Diário de Campo)

pelo profissional terapeuta e, para isso, lançam mão de diversas estratégias interacionais, sendo que uma delas é justamente reconhecer o momento apropriado para rir.

Jaison traz um novo elemento à negociação da sua dúvida: o esperma. Bina explica que a cirurgia vai interromper o caminho do esperma (linha 187), ao que ele responde afirmativamente. Contudo, ele lança uso da adversativa “mas”, indicando alguma oposição. Jaison constrói o seu turno com alongamentos e repete o que Bina falou, “foi interrompido o caminho” (linha 189). Bina emite um “tá” (linha 190) que, nesse contexto interacional, funciona como um continuador. Jaison se orienta para o fato de que o turno lhe foi devolvido e continua provendo, em fala colada, material para esclarecer sua dúvida. Seu turno é novamente marcado por falas alongadas, reparos, silêncios e a não elaboração de sua dúvida (linhas 191-192). Bina novamente ri (linha 193) e pergunta: “vai ter o que seu Jaison?” (linha 194). Instala-se um silêncio de oito segundos e ela toma o turno perguntando se alguém fez algum comentário que justificasse a dúvida dele (linhas 196-197), o que Jaison confirma. Bina, então, pergunta se Jaison conversou com o médico (linha 202), ratificando, assim, a categoria médico como aquele que desempenha a atividade de esclarecer as dúvidas, ou seja, aquele que tem o argumento da verdade. Com a resposta afirmativa de Jaison, ela pergunta se mesmo assim ele ficou com dúvida (linha 204). Ele faz um reparo, num volume de voz mais alto, dizendo que “não é uma dúvida assim”. Bina reformula o questionamento de Jaison nas linhas 206 e 207, afirmando que se trata, então, de um ‘receiozinho’, o que é aceito (linha 208). Chama a atenção nesse trecho o uso, pela terapeuta, do diminutivo para qualificar o que Jaison diz que não é “dúvida”, mas, conforme proposto pela terapeuta, “receiozinho”. Bina parece se alinhar com duas ações não esperadas socialmente da categoria homem, “sentir medo” e “expressar medo”. Assim, ela mitiga a palavra “receio” ao propô-la no diminutivo.

Negociada a dúvida de Jaison como “receiozinho” (linha 208), ele agora manifesta o receio em relação ao futuro, ao dizer que “agora [...] somos jovens né”. O uso do “né” em tom ascendente é uma busca de Jaison por uma ratificação de Bina, o que é obtido, pois ela emite um “uhum” e depois fala sobre a idade, sem, contudo, concluir a fala quando Jaison a interrompe com um “isso” confirmativo. Bina termina a sua fala nomeando o “receiozinho” de Jaison – “brochar” (linha 213) – e ainda perguntando “é isso?”. Jaison providencia uma resposta mínima em volume de voz baixo: “sim” (linha 214).

Essa longa trajetória interacional mostra como o tópico “receio de brochar” é delicado também para Jaison. Ele produz elevada carga morfológica para elaborar sua dúvida, construindo-a problemática. Jaison parece estar minimizando seu receio ao usar o diminutivo “duvidazinha” (linha 165) e alinha-se com o uso de

“receiozinho” de Bina (linha 208). No entanto ele se mostra sem muita certeza sobre a possibilidade ou não de a vasectomia ocasionar o corte do “resto que sobrar” (linha 169): a “vontade” (linha 171) que Bina nomeia como “tesão” (linha 172).

Jaison fora orientado pelo médico sobre a modificação do caminho do sêmen, mas fica claro que a explicação científica não o deixou totalmente livre de dúvidas, talvez porque os espermatozoides e a capacidade de fecundação sejam fortemente associados à virilidade, inclusive no discurso médico²⁷. O paciente ainda traz outra preocupação para a interação: a vinculação entre idade e tesão. Essa preocupação pode estar refletindo o tabu que existe sobre sexo e velhice, pois uma das construções sociais mais fortes em torno da masculinidade é a potência sexual ilimitada²⁸.

Conforme observamos nos dados analisados, a identidade masculina socialmente construída como homogênea parece necessitar “se provar” a todo o momento e não pode dar mostras de dúvidas, incertezas ou ambiguidades. Quando essa homogeneidade é, por alguma razão, ameaçada (com a iminência da vasectomia, por exemplo), observa-se, a partir do trabalho interacional dos interagentes demonstrado nos excertos, o quão laborioso se torna trazer os receios para a interação, admiti-los e nomeá-los. Diversas estratégias interacionais são acionadas para redimensionar esses receios de modo a diminuí-los e realocá-los para “fora de si” e no “outro”. Assim, é na ação sequencial de categorizar que se torna visível o trabalho que os interagentes executam ao negociar a realidade social e exercitar sua agentividade no mundo.

Considerações finais

A ação de categorizar e atribuir características às diferentes categorias, conforme exposta ao longo deste artigo, apresenta-se como um recurso valioso para pesquisadores explorarem a construção generificada do mundo. É na ação mundana da fala-em-interação que se dá, para a ACP e a AC, a perpetuação ou a refutação das concepções naturalizadas de gênero. Pela peculiaridade analítica da ACP e da AC, estudos realizados a partir dessas abordagens conseguem

²⁷ Textos científicos constroem estereótipos de gênero ao descrever eventos naturais como o processo de fecundação, por exemplo. Não raro os órgãos sexuais femininos são reportados como passivos, de validade vencida, mais suscetíveis à degeneração, ou seja, comportam-se de um modo feminino. Em contrapartida, aos órgãos masculinos são atribuídos qualificadores como força, ação, velocidade e produção quase vitalícia, ou seja, um comportamento masculino. Esse comportamento na esfera celular é uma representação, muitas vezes, das relações em contextos amplos, naturalizados pelo discurso dito objetivo da ciência (MARTIN, 1996; MACHADO, 2005; FAUSTO-STERLING, 2000).

²⁸ Reforçando essa construção social do homem eternamente erétil, a indústria farmacêutica tem disponibilizado medicamentos para corrigir disfunções eréteis, como o Viagra, por exemplo. O Brasil é o terceiro maior consumidor de Viagra no mundo, ficando atrás apenas para os Estados Unidos e Inglaterra. Mamo e Fishman (2001) relacionam o Viagra como mais uma tecnologia do corpo generificado, uma vez que o consumo está ligado à construção do homem sempre potente.

chegar mais perto do modo como os participantes constroem e gerenciam a sua conduta em relação às expectativas de performances de gênero. No caso deste artigo, vimos como se dá a negociação de aspectos identitários que são tomados pelo senso comum como homogêneos e naturais, mas que, na fala-em-interação, são tensionados e desestabilizados. Vimos também que o status de identidade homogênea requer muito trabalho de manutenção nas interações, o que deflagra justamente o fato de que não existem identidades fora do discurso.

SELL, M.; OSTERMANN, A. C. Membership Categorization Analysis (MCA) in studies of language and gender: the discourse (de)construction of the homogeneous masculinity. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.11-34, 2009.

- **ABSTRACT:** *Studies on the relationships between language, gender, and (currently) sexuality from the ethnomethodological perspective brought about deep changes to our understanding of those relationships. Gender, no longer seen as natural or pre-discourse, is currently understood a social construct that is negotiated, actualized, reified, and/or rebutted at each new interaction. This epistemological change in the concepts of gender and sexuality in their relationship to language requires appropriate analytical tools. To understand how gender identities are negotiated in speech-in- interaction, Membership Categorization Analysis together with Conversation Analysis (SACKS, 1992) are used to analyze interactions between a psychologist and candidates to the vasectomy surgery in a public health clinic in Brazil. In the appointments patients seek to have institutional "proof of mental sanity" so as to become eligible for the no-cost surgical procedure provided by the Brazilian Government Family Planning Program. Through the observation of "categorizing" actions in the interactions it was possible to notice the workings of the gender-driven social order, i.e. the normative gender notions that work at macro-social levels and that are transferred to the interactional microsphere. To categorize is, thus, an explicit or implicit action of exercising agent roles (BUTLER, 1990) in the world through which it is exposed both the tension between individual personal experiences and the conventional expectations of gender performance.*
- **KEYWORDS:** *Membership Categorization Analysis (MCA). Conversation Analysis (CA). Speech-in-interaction. Gender. Sexuality. Homogeneity. Ethnomethodology.*

REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. Atribuição de categorias sociais em encontros colegiados de uma cooperativa. *Revista uniRcoop*, Sherbrooke, v.4, n.1, p.237-257, 2006.

BEATO FILHO, C. C. Médicos, suicidas e senso prático. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.6, n.15, p.53-63, 1991.

BRASIL. Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o parágrafo 7º do artigo 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília, DF, 12 janeiro 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9263.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2007.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, Abingdon, v.7, n.4-5, p.585-614, 2005.

_____. Theorizing identity in language and sexuality research. *Language in Society*, Cambridge, v.33, n.4, p.501-547, 2004.

_____. Language and identity. In: DURANTI, A. (Org.). *A companion to linguistic anthropology*. Oxford: Blackwell, 2003. p.368-394.

BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.

_____. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

CAMERON, D. Language, gender, and sexuality: current issues and new directions. *Applied Linguistics*, Oxford, v.26, n.4, p.482-502, 2005.

CAPPS, L. Constructing the irrational woman: narrative interaction and agoraphobic identity. In: BUCHOLTZ, M.; LIANG, A. C.; SUTTON, L. (Org.). *Reinventing identities: the gendered self in discourse*. New York: Oxford University Press, 1999. p.83-100.

COULON, A. *Etnometodologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

ECKERT, P. *Entering the heterosexual market-place: identities of subordination as a developmental imperative*. Palo Alto: [s.n], 1984. (Working papers on learning and identity, n.2).

ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v.21, p.461-490, 1992.

EGLIN, P. Members' gendering work: women, feminists and membership categorization analysis. *Discourse & Society*, London, v.13, p.819-825, 2002.

FALUDI, S. *Backlash: the undeclared war against American women*. New York: Crown, 1991.

FAUSTO-STERLING, A. *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. New York: Basic Books, 2000.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: JAWORSKI, A.; COUPLAND, N. *The discourse reader*. London: Routledge, 1999. p.306-320.

HAAKANA, M. Laughter in medical interaction: from quantification to analysis, and back. *Journal of Sociolinguistics*, Haboken, v.6, n.2, p.207-235, 2002.

HERITAGE, J. C.; WATSON, D. R. Aspects of the properties of formulations in natural conversations: some instances analysed. *Semiótica*, Berlin, v.30, p.245-262, 1980.

_____. Formulations as conversational objects. In: PSATHAS, G. (Org.). *Everyday language: studies in ethnomethodology*. New York: Irvington, 1979. p.123-162.

HUGHES, C. Etnopsiquiatria. In: SARGENT, C. F.; JOHNSON, T. M. (Org.). *Medical anthropology: contemporary theory and method*. London: Westport Connecticut, 1996. p.130-150.

HUTCHBY, I. Active listening: formulations and the elicitation of feelings-talk in child counselling. *Research on Language and Social Interaction*, Abingdon, v.38, n.3, p.303-329, 2005.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. *Conversation analysis: principles, practices, and applications*. Cambridge: Polity Press, 1998.

KITZINGER, C. Is woman always relevantly gendered? *Gender and Language*, London, v.1, n.1, p.39-49, 2007.

_____. Doing feminist conversation analysis. *Feminism & Psychology*, London, v.10, n.2, p.163-193, 2000.

MACHADO, P. S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.24, p.249-281, jan./jun. 2005.

MAMO, L.; FISHMAN, J. R. Potency in all the right places: viagra as a technology of the gendered body. *Body and Society*, London, v.7, n.4, p.13-35, 2001.

MARTIN, E. *The egg and the sperm: how science has constructed a romance based on stereotypical male-female roles*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

MARTIN, K. A. Giving birth like a girl. *Gender and Society*, Newbury Park, v.17, n.1, p.54-72, Fev. 2003.

MONDADA, L. Therapy interactions: specific genre or bow up version of ordinary conversational practices? *Pragmatics*, San Diego, v.8, n.2, p.1555-1565, 1998.

OSTERMANN, A. C. Comunidades de prática: gênero, trabalho e face. In: HEBERLE, V. M; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. de C. (Org.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006. p.15-47.

_____. Communities of practice at work: gender, facework and the power of habitus at an all-female police station and a feminist crisis intervention center in Brazil. *Discourse & Society*, London, v.14, n.4, p.473-505, 2003a.

_____. Localizing power and solidarity: pronoun alternation at an all-female police station and a feminist crisis intervention center in Brazil. *Language in Society*, Cambridge, v. 32, n.3, p. 351-381, 2003b.

PSATHAS, G. Studying the organization in action: membership categorization and interaction analysis. *Human Studies*, Dordrecht, v.22, n.2-4, p.139-162, 1999.

SACKS, H. *Lectures on conversation*. Oxford: Blackwell, 1992.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, Washington, v.50, n.4, p.696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. A. A tutorial on membership categorization. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v.39, n.3, p.462-482, 2007.

SCHNACK, C.; PISONI T. D.; OSTERMANN, A. C. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. *Entrelinhas*, São Leopoldo, v.2, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=12>>. Acesso em: 22 set. 2008.

SCHEPER-HUGHES, N. *Death without weeping: the violence of everyday life in Brazil*. Berkeley: University of California Press, 1992.

SELL, M. *Identidades de gênero negociadas na fala-em-interação na negociação da esterilização*. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

SILVERMAN, D. *Harvey Sacks: social science and conversation analysis*. New York: Oxford University Press, 1998.

SPEER, S. A. *Gender talk: feminism, discourse and conversation analysis*. New York: Routledge, 2005.

SPEER, S. A.; POTTER, J. The management of heterosexist talk: conversational resources and prejudiced claims. *Discourse & Society*, London, v.11, n.4, p.543-72, 2000.

STOKOE, E. H. Doing gender, doing categorization: recent developments in language and gender research. *International Sociolinguistics*, Leicestershire, v.2, n.1, 2003. Disponível em: <http://www.crisaps.org/newsletter/backissue/stokoe_back.pdf>. Acesso em: 22 set. 2008.

STOKOE, E. H.; WEATHERALL, A. Gender, language, conversation analysis and feminism. *Discourse and Society*, London, v.13, n.6, p.707-713, 2002.

STOCKILL, C.; KITZINGER, C. Gendered 'people': how linguistically non-gendered terms can have gendered interactional relevance. *Feminism & Psychology*, London, v.17, n.2, p.224-236, 2007.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de consulta de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998. p.120-141.

WATSON, R. Some general reflections on 'Categorization' and 'Sequence' in the Analysis of Conversation. In: HESTER, S.; EGLIN, P. (Org.). *Culture in action: studies in membership categorization analysis*. Washington: University Press of América, 1997. p.49-75.

WEATHERALL, A. Towards understanding gender and talk-in-interaction. *Discourse and Society*, London, v.13, n.6, p.767-781, 2002.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. New York: Cambridge University Press, 1998.

Recebido em setembro de 2008.

Aprovado em novembro de 2008.

Anexo A

Convenções de Transcrição

[texto]	Falas sobrepostas
=	Fala colada
(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
,	Entonação contínua
.	Entonação ponto final
?	Entonação de pergunta
-	Interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
>texto<	Fala mais rápida
<texto>	Fala mais lenta
°texto°	Fala com volume mais baixo
TEXTTO	Fala com volume mais alto
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas
XXXX	Texto inaudível
((texto))	Comentários da transcritora
@@@	Risada
↓	Entonação descendente
↑	Entonação ascendente
hhh	Expiração audível
.hhh	Inspiração audível